

# Moral e ética cristã: caminho de sabedoria em um mundo fluido e em conflito

Christian Ethics and Morality: Path of  
wisdom in a fluid world and in conflict

*Pedro K. Iwashita\**

**Resumo:** Se o Verbo de Deus através da encarnação viu que para trazer salvação e vida a este mundo era necessário se humanizar, doravante se quisermos trazer esperança e luz a esse mundo, não tem outro caminho a não ser o da humanização, e desta forma também a ética ou é ética da humanização ou não é ética, e a esse propósito, o cristianismo tem um papel fundamento no concerto das religiões da terra.

**Palavras-chave:** Ética; Moral; Evangelho; Encarnação.

**Abstract:** If the Word of God through the incarnation saw that to bring salvation and life to this world was necessary to humanize, now if we want to bring hope and light to this world, there's no other way unless the humanization, and thus also the ethics is ethics of humanization or it is not ethics, and in this respect, Christianity has a foundation role in the comity of religions of the Earth.

**Keywords:** Ethics; Moral; Gospel; Incarnation.

---

\* Doutor em Teologia pela Universidade de Fribourg, Suíça, Prof. Titular e Diretor Adjunto da Faculdade de Teologia da PUC/SP.

## Introdução

Precisamos de um código de ética para poder trilhar um caminho que seja um caminho de sabedoria em um mundo em constante conflito ou em um mundo onde nada parece ser sólido, onde possamos nos apoiar. Zygmunt Bauman, em seu livro: *Modernidade líquida*,<sup>1</sup> constata que a fluidez é a qualidade de líquido e gases, que não suportando a força tangencial ou deformante, sofrem constante mudança de forma ao serem submetidos a pressões.

É uma mudança de forma que não recupera a sua forma original, em contraste ao sólido, que não sofre o fluxo e pode voltar à sua forma original. Os líquidos, ao contrário dos sólidos, não têm a propriedade de manterem a sua forma, não fixam o espaço, não se prendem ao tempo, constantemente propensos à mudança, e por isso o tempo conta, mais do que o espaço.

O sólido leva a ignorar o tempo, enquanto que ao descrever os fluidos, é grave erro deixar o tempo de fora. Conforme Bauman: “os fluidos se movem facilmente. Eles “fluem”, “escorrem”, “esvaem-se”, “respingam”, “transbordam”, “vazam”, “inundam”, “borrifam”, “pingam”; são filtrados”, “destilados”; diferentemente dos sólidos, não são facilmente contidos – contornam certos obstáculos, dissolvem outros e invadem ou inundam seu caminho. Do encontro com sólidos emergem intactos, enquanto os sólidos que encontraram, se permanecem sólidos, são alterados – ficam molhados ou encharcados”.<sup>2</sup>

“Fluidez” ou “liquidez” são metáforas com as quais se procura identificar a presente fase da cultura moderna, uma cultura diagnosticada como sendo fluída, líquida, que passou por um processo de “liquefação”, de derretimento dos sólidos. Derreter os sólidos tem sido o maior passatempo da modernidade, que tem sido fluída desde a sua concepção.<sup>3</sup> “Derreter os sólidos” foi a frase cunhada pelos autores do *Manifesto comunista*, que “referia-se ao tratamento que o autoconfiante e exuberante espírito moderno dava à sociedade, que

---

<sup>1</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

<sup>2</sup> Cf. BAUMAN, Zygmunt, op. cit., 8-9.

<sup>3</sup> Ibidem, 9.

considerava estagnada demais para seu gosto e resistente demais para mudar e amoldar-se a sua ambições – porque congelada em seus caminhos habituais”,<sup>4</sup> deixando toda a complexa rede de relações sociais desprotegida, exposta e impotente para resistir e o derretimento do sólido teve também como consequência a pretensa libertação da economia dos embaraços políticos, éticos e culturais.

A fé e a ética cristã são a resposta para este estado de coisas, de fluidez, de falta de estabilidade, porque pela própria definição, a fé é fundamentalmente uma atitude interior daquele que crê.<sup>5</sup> As palavras bíblicas *emuah* e *emet* que são traduzidas por “fé” e “fidelidade”, e em grego as palavras *pistis*, que significa fé e *pisteuein*, que quer dizer crer, expressam firmeza e persuasão.<sup>6</sup> Santo Tomás de Aquino considera a fé como sendo o primeiro bem necessário a todo o cristão, porque pela fé o cristão é conduzido à união com Deus, assim como diz o profeta Oseias: “Desposar-te-ei na fé” (Os 2,22). No batismo somos perguntados primeiramente: “Crês em Deus?”, isto porque o batismo é o primeiro sacramento da fé.<sup>7</sup> Pela fé a vida eterna já tem início em nós, e que é o conhecimento de Deus (Jo 17,3), que atingirá a sua perfeição na vida futura quando conhecermos a Deus como Ele é (Hb 11,1).<sup>8</sup> Pela fé recebemos a reta orientação para a nossa vida presente, porque para que alguém viva uma boa vida é preciso que saiba tudo o que é necessário para viver retamente.<sup>9</sup> Pela fé superamos os perigos das tentações de romper a aliança com Deus (Hb 11,33; 1Pd 5,8), e pela fé, somos fortalecidos para perseverar no caminho do compromisso com Deus e com os irmãos (1Jo 5,4).<sup>10</sup> Aqui se encontra a origem de toda a ética cristã, ou seja, a fé em Deus, a fé na pessoa de Jesus Cristo, leva também a uma maneira de se comportar, de agir, de viver. A solidez da fé se contrapõe, portanto, ao estado líquido da cultura moderna, sem consistência e estabilidade. Na verdade, o tema

<sup>4</sup> BAUMAN, Zgmunt. *Modernidade líquida*, 9.

<sup>5</sup> Cf. LACOSTE, J.-Y.; Lossky, N. *Verbete: Fé*. In: Lacoste, J.-Y. (Org.). *Dicionário crítico de teologia*, p. 718.

<sup>6</sup> *Ibidem*, 718.

<sup>7</sup> Cf. AQUINO, S. Tomás de. *A luz da fé*. Lisboa: Editorial Verbo, 2002, p. 34.

<sup>8</sup> *Ibidem*, p. 33-34.

<sup>9</sup> *Ibidem*, 34.

<sup>10</sup> *Ibidem*, 34.

da ética é um dos grandes temas do momento, e pode até ser dito, que ela está na moda, despertando a cada dia o interesse de um número cada vez maior de pessoas, e relacionada a temas como bioética, caridade midiática, ações humanitárias, proteção ao meio ambiente, moralização dos negócios, da política e dos meios de comunicação, aborto, linguagem politicamente correta, luta antitabagista ou contra a droga, e os temas se estendem, de maneira que o tema da ética configura-se no momento como um dos mais importantes.<sup>11</sup>

## 1. O que é a ética cristã?

Numa primeira definição sobre o que é ética, podemos dizer que ética é a sistematização e a universalização da experiência moral própria e dos outros. A moral é algo irreduzível, pois de nossas ações, algumas julgamos como não sendo eficaz ou agradável, através de um juízo de consciência, no qual comparamos tal ação com um código de regras, e assim podemos verificar se tal ação é de generosidade, desinteresse, imparcialidade, ou pode ser totalmente contrário a tudo isso. Essa avaliação é feita com o chamado juízo de consciência, que vai comparar determinada ação com um código de regras, que pode ser escrita ou não escrita, aprendida no contexto familiar ou na igreja, na escola ou na sociedade. É daí que provém a ação caracterizada como sendo moral. A ação moral é a experiência que a pessoa faz especialmente em vista de outras pessoas com a intenção de querer o bem dessa pessoa ou, pelo contrário, pode ser uma ação querendo o mal, de maneira, que essa ação pode ser avaliada como sendo certa ou errada. A intenção e o ato passam pelo crivo de um juízo de consciência, através do qual procura-se aplicar normas de um determinado código, que a pessoa tem em mente ou procura aprender de alguma forma.<sup>12</sup>

<sup>11</sup> Cf. também CASTILHO, José M. *A ética de Cristo*. São Paulo: Loyola, 2010, pp. 9-10.

<sup>12</sup> CONPAGNONI, F. Verbete: Ética. In. *Lexikon. Dicionário Teológico Enciclopédico*. São Paulo: Loyola, 2003, p.260.

Para os cristãos, esse código é o que está consignado nas Sagradas Escrituras e daí a importância de se definir o que é a ética cristã e quais as suas fontes.

Falamos a respeito da solidez da fé cristã em contraposição à falta de solidez da cultura moderna, pois então a ética e a moral cristã se concretizam na prática da fé, no seguimento de Cristo e realizando assim o Reino de Deus.<sup>13</sup>

Primeiramente, a ética de Jesus é uma ética que nasce de seu projeto messiânico, pois Ele “ensinava como quem tem autoridade” (Mc 1,22), de maneira que a moral decorrente do relato evangélico vincula-se à condição messiânica de Jesus, que é “senhor do perdão” (Mc 2,10), o “senhor do sábado” (Mc 2,28), de maneira que a sua ética ou moral, tem aspectos de “novidade”, de “originalidade” e de “liberdade”.<sup>14</sup>

A ética de Jesus é uma ética vinculada a uma mudança radical de vida, tendo com isso um caráter até “subversivo”, porque subverte os falsos valores dos códigos dominantes na época, levando a uma conversão radical do ser humano. Daí a moral que se origina dessa prática tem também uma função subversiva com relação às estruturas pseudomorais vigentes, decorrendo então na crítica dos falsos sistemas de discriminação (Mc 2,14-17), de pureza (Mc 7,1-23), e propondo então uma doação radical (Mc 6,30-44; 8,1-10). É uma ética que nasce do conflito e gera fecundo confronto, e por isso tem aspecto dramático e até trágico. E é justamente no campo da moral e da prática moral, que ocorre esse conflito, pois Jesus, ao realizar a sua coerência moral entra em choque com os seus opositores, levando-os a uma “crise ética”, na qual ficam evidenciadas as coerências e as incoerências, e o texto de (Mc 2,1-3,6 é característico disso, pois a ética que é narrada aí nasce do conflito, que conduz a um confronto de vida-morte. É uma ética que aponta para o valor do ser humano, pois se o agir de Jesus é subversivo, é devido à sua nítida opção pela causa do ser humano, como se vê quando ele diz “o sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado” (Mc 2,23). A moral de Jesus tem uma concentração axiológica na afirmação do valor do ser

<sup>13</sup> Cf. VIDAL, Marciano. *Para conhecer a ética cristã*. São Paulo: Paulinas, 1993, p. 11.

<sup>14</sup> *Ibidem*, p. 12.

humano. Enfim é uma ética que visa a libertação em todos os âmbitos da vida humana: econômico, político, ideológico, familiar, relacional, interpessoal, instaurando um código ético do dom, da comunicação, do serviço, da igualdade, da sinceridade, em contraposição aos falsos códigos vigentes de exclusão, de egoísmo e de violência, de modo que a ética de Jesus é uma ética de libertação integral do ser humano.<sup>15</sup>

## 2. Uma ética do seguimento de Jesus como paradigma para o agir ético

Um grande diferencial da ética cristã em relação a outros códigos de ética, escritos ou não, é que não se trata simplesmente de um código em que se tem uma lista de prescrições formais para serem seguidas ou para serem obedecidas, pois no caso da ética cristã, trata-se de seguir uma pessoa, a pessoa de Jesus Cristo, e por isso fala-se na ética cristã como a ética do seguimento de Jesus.

Seguimento é uma categoria bíblica de grande densidade teológica, e que expressa uma nova forma de vida, em que se aceita o chamado de uma pessoa, no caso da Bíblia, de Jesus Cristo, e se decide tornar-se ou converter-se em discípulo dele, o que pode ser chamado de discipulado de Jesus, o que representa uma fórmula breve de cristianismo, ou seja, resumo ou catecismo da vida cristã, constituindo-se numa chave interpretativa de todo o cristianismo.<sup>16</sup>

Essa categoria bíblica do seguimento tem uma vertente moral, que aglutina e canaliza todo o conjunto da vida moral dos cristãos, de maneira, que a ética ou moral cristã, é uma ética ou moral do seguimento de Jesus, através da configuração da própria vida conforme a imagem de Jesus (Rm 15,1-3; 2Cor 8,9; Fl 2,5s). A atualização do seguimento de Jesus é o resumo da moral cristã, que leva a uma transformação interior da pessoa e a uma transformação intramundana, tendo como meta a instauração do Reino de Deus: “Cumpru-se

---

<sup>15</sup> Cf. *ibidem*, p. 12. Cf. também CASTILHO, José M. *A ética de Cristo*. São Paulo: Loyola, 2010.

<sup>16</sup> Cf. VIDAL, Marciano, *op. cit.*, p. 13.

o tempo e o reino de Deus está próximo. Arrependei-vos e crede na boa notícia” (Mt 1,15).<sup>17</sup>

A moral cristã inserida no horizonte da salvação escatológica leva o comportamento moral a uma transformação radical, fazendo surgir nova ordem de valores, como são as bem-aventuranças (Mt 5,3-10); com propostas de exigências radicais frente ao caráter definitivo e insubstituível do reino (Lc 9,57-62); as opções adquirem caráter totalizador, porque a irrupção do reino relativiza tudo o mais (Mt 13,44.45-46); o contorno definitivo da moral do reino se encontra em Mt 25,31-46, em que a realização do reino, identificado com os pobres, e através deles, com Cristo, passa a ser a norma do comportamento moral do cristão.<sup>18</sup>

### 3. Ética cristã, uma ética de humanização

Para poder trazer a salvação a este mundo, Deus teve que se humanizar, de forma que se quisermos trazer esperança para esta terra, não há outro caminho que o próprio Deus percorreu. A ética ou é ética da humanização ou não é ética. A questão está em saber o que deve ser considerado humano e o que deve ser considerado desumano ou em outras palavras, o que é que nos humaniza e o que é que nos desumaniza e isso não é fácil de definir, porque cada cultura se encarrega de definir os limites do humano e do desumano. Há culturas que estabelecem como “humano”, que algumas pessoas tenham mais direitos que outras ou que tenham mais dignidade que outras. Em outras palavras, há culturas em que a igualdade de todos os seres humanos não é um valor fundamental.<sup>19</sup> É por isso que a vida e o ensinamento de Jesus são o critério determinante para uma ética humanizante a partir de um Deus que se humanizou, pois somente uma ética construída a partir do Deus humanizado e vivida de acordo com esse Deus, pode ser aceita e pode humanizar um mundo que se tornou tão desumano.<sup>20</sup>

<sup>17</sup> Ibidem, p. 14.

<sup>18</sup> Ibidem, p. 14.

<sup>19</sup> Cf. CASTILHO, José M. *A ética de Cristo*. São Paulo: Loyola, 2010, p. 34.

<sup>20</sup> Ibidem, p. 35.

No mistério da encarnação, Deus se “fundiu” e se “confundiu” com o humano, de maneira que não é mais possível entender e nem ter acesso a Deus prescindindo do humano e, muito menos, entrando em conflito com tudo que é verdadeiramente humano, como as realizações e as alegrias humanas. Conforme (Jo 1,18), Jesus é a revelação de Deus, ou seja, aquilo que não tínhamos condições de conhecer e nem alcançar, conhecemos e alcançamos através de Jesus (cf. Jo 1,18) e que nos foi concedido conhecer através de um ser humano, no homem Jesus de Nazaré, porque ele é a “imagem do Deus invisível” (Cl 1,15). Jesus é aquele que nos revela Deus e nos diz como é esse Deus em quem queremos crer e buscar.<sup>21</sup> “Pode-se dizer que em Jesus se concretizou o grande acontecimento que marcou definitivamente a história das tradições religiosas da humanidade. No homem Jesus, o divino fundiu-se com o humano, de tal modo que, a partir de Cristo, ficou demonstrado que Deus é diferente do que se supõe”.<sup>22</sup> Essa humanização de Deus, é, portanto a base para toda uma ética, como foi exposta, humana, humanizante, mas também divina e divinizante.

A humanização de Deus ocorreu de forma surpreendente através do mistério da encarnação, pois como diz o evangelista João, “o Verbo”, que é Deus (Jo 1,1), se fez “carne” (Jo 1,14). A “carne” conforme o Novo Testamento, é a parte mais débil de nossa condição humana como seres mortais, expressa por Jesus quando disse: “O espírito está cheio de ardor, mas a carne é fraca” (Mt 26,41). Então ao se fazer carne, ao se encarnar, Deus se fez debilidade, se fez pequeno, se fez fraco, chegando até o ponto mais fraco da condição humana, o que Paulo interpretou como “loucura de Deus” ou “fraqueza de Deus” (1Cor 1,25), o que acabou se tornando visível na sua morte na cruz. Há pessoas que não suportam essa forma de entender a encarnação de Deus, porque não combina com a imagem que têm da divindade. O que ocorre é que esse tipo de reação acontece entre os que sentem a sedução do divino, e de outro lado nutrem desprezo pelo humano, e por isso a tentação é “ser como Deus” (Gn 3,5). E para nos salvar, no mistério da encarnação Deus ao ver a necessidade de se humanizar,

---

<sup>21</sup> Ibidem, p. 30.

<sup>22</sup> CASTILHO, José M. *A ética de Cristo*. São Paulo: Loyola, 2010, p. 30.

não se apegou ao fato de ser Deus, mas se despojou, “tomando a condição de servo, tornando-se semelhante aos homens” (Flp 2,6-7) o que provocou uma mudança assombrosa na maneira de entender Deus e de nos relacionarmos com Ele,<sup>23</sup> pois o Deus que Jesus nos revela não é o Deus temido e terrível como aparece muitas vezes no Antigo Testamento, nem tampouco é o Deus Absoluto e distante em quem acreditavam os gregos.<sup>24</sup>

O Deus humanizado que se nos revelou em Jesus Cristo, fez desmoronar a nossa fascinação e sedução pelo divino com tudo isso significava, grande, poderoso, força, domínio, saber sem limites, sem que isso significasse atração pela chamada vida sobrenatural, sobre a qual trata a teologia e que deveria ser desejada. Mas em vez disso, a chamada “sedução pelo divino”, é a atração perversa por tudo que atribuímos a Deus como “a atração pelo poder e pela glória, pelo domínio e pela grandeza, pelo êxito e pelo triunfo, pelo saber, por ter tudo o que imaginamos ser próprio do divino. Coisa que se manifesta em nós até na linguagem de todos os dias. Quando obtemos triunfos e êxitos, garantimos que as coisas estão acontecendo “divinamente”. Quando alcançamos um posto importante ou dominamos os outros, dizemos que isso é “divino”. Assim fazemos uma “divindade” na medida de nossos desejos mais inconfessáveis”.<sup>25</sup>

O “divino” foi transformado desta forma numa espécie de cabide em que são pendurados os nossos instintos que, na verdade, significam dor e humilhação para quem a vida não corre “divinamente”. O amor divino, a caridade, o ágape, são exemplares enquanto a pessoa pode caminhar de cabeça erguida pela rua, mas toma distância do amor humano, da atração e do carinho que brota espontaneamente entre as pessoas. Até o amor é coisa que se mantém em segredo ou oculto entre as pessoas “de bem”, porque enfim, amar é visto como uma “fraqueza” humana, e existem pessoas que não suportam fraqueza alguma, e por aí começa a nossa perdição, a perdição dos “puritanos”,

---

<sup>23</sup> Ibidem, 31.

<sup>24</sup> E. R. Dodds *apud* CASTILHO, José M. *A ética de Cristo*. São Paulo: Loyola, 2010, p. 31.

<sup>25</sup> CASTILHO, José M. *A ética de Cristo*. São Paulo: Loyola, 2010, p. 31.

que passam a vida na convicção de que o “meio principal da salvação está na pureza, e não na justiça”.<sup>26</sup>

O puritanismo, o fundamentalismo religioso, o fanatismo, representam o lado obscuro das religiões, fazendo com que as pessoas procedam de forma desumana, o que pode estar também na base da crise que vive o cristianismo, por ter deixado o movimento que nasceu com o Jesus histórico e reforçado pelo Cristo da fé, justamente a humanização de Deus através do mistério da encarnação, e foi deixado de se levar a sério a *humanidade* de Deus assumida por ele na encarnação, de modo que “estamos diante de uma das coisas mais decisivas e mais urgentes neste momento histórico que estamos vivendo. Se o enorme potencial das religiões se pusesse a serviço da humanização, em vez de servir para desumanizar as pessoas, certamente a vida seria diferente e este mundo seria mais habitável”.<sup>27</sup>

#### 4. Proposta de uma ética de humanização

Se o Verbo de Deus através da encarnação viu que para trazer salvação e vida a este mundo era necessário se humanizar, doravante se quisermos trazer esperança e luz a esse mundo, não tem outro caminho a não ser o da humanização, e desta forma também a ética ou é ética da humanização ou não é ética, e a esse propósito, o cristianismo tem um papel fundamental no concerto das religiões da terra.<sup>28</sup>

A dificuldade está em se definir o que deve ser considerado humano e o que é desumano, ou seja, o desafio está em se estabelecer com precisão o que nos humaniza realmente e o que nos desumaniza. Isto se torna difícil porque cada cultura se encarrega de fixar os limites do humano e do desumano. Para certas culturas, a igualdade de todos os seres humanos não é considerada um valor humano fundamental. Em vista disso, uma ética de humanização deve olhar para a vida e o ensinamento de Jesus, onde a vida dos seres humanos implica necessidades inteiramente primárias e básicas e que são o critério determinante

<sup>26</sup> E. R. Dodds *apud* Castilho, José M. *A ética de Cristo*. São Paulo: Loyola, 2010, p. 32.

<sup>27</sup> CASTILHO, José M. *A ética de Cristo*. São Paulo: Loyola, 2010, p. 32.

<sup>28</sup> Cf. Idem, *ibidem*, p. 34.

da ética delineada e oferecida por Jesus. São necessidades primárias e básicas, tais como a necessidade de viver, a segurança da vida, a integridade da vida, a defesa da vida, a dignidade de toda pessoa viva, a igualdade entre todos os seres humanos, o respeito que todos merecemos e “tudo isso é tão básico, tão primário, tão fundamental que, a partir daí, poderemos começar a construir e definir uma ética que seja válida para aqueles que, a partir da opção livre da fé, queiram organizar sua vida e sua conveniência com os demais, qualquer que seja a cultura a que pertençam”.<sup>29</sup>

## Considerações finais

Ao longo de sua vida Jesus mostrou uma convicção clara e firme de que não pode haver dissociação, e muito menos contradição, entre o que se diz e o que se faz, e essa convicção, traduzida fielmente na prática, foi uma das chaves da ética de Jesus. Ele não tinha dúvida de que para transmitir um projeto de vida que incluía a humildade, a simplicidade, a humanidade para com os mais pobres e a proximidade com os que sofrem, tudo isso só pode ser ensinado unicamente se for vivido pela própria pessoa. “Somente quando aquilo que se diz é explicação do que se vive, a palavra é eficaz e convincente. Se assim não for, o pregador não passa de mero charlatão ou, no máximo, um personagem de teatro, do grande teatro do mundo. A ética não se ensina só com palavras. Ensina-se acima de tudo, com a vida.”<sup>30</sup> “Essa é uma ética que se faz necessária numa época em que a maior parte da humanidade vive o seu dia de forma precária com consequências funestas, diz Papa Francisco: “Aumentam algumas doenças. O medo e o desespero apoderam-se do coração de inúmeras pessoas, mesmo nos chamados países ricos. A alegria de viver frequentemente se desvanece; crescem a falta de respeito e a violência, a desigualdade social torna-se cada vez mais patente. É preciso lutar para viver, e muitas vezes viver com pouca dignidade. Esta mudança de época foi causada

<sup>29</sup> CASTILHO, José M. *A ética de Cristo*. São Paulo: Loyola, 2010, p. 34.

<sup>30</sup> Idem, *ibidem*, 42.

pelos enormes saltos qualitativos, quantitativos, velozes e acumulados que se verificam no progresso científico, nas inovações tecnológicas e nas suas rápidas aplicações em diversos âmbitos da natureza e da vida. Estamos na era do conhecimento e da informação, fonte de novas formas dum poder muitas vezes anônimo”.<sup>31</sup> O anonimato é uma das formas de desumanização no mundo moderno, e eis porque uma missão importante da Igreja é promover a humanização através da vivência e da prática de uma ética de humanização assim como nos ensina Jesus no seu Evangelho.

## Bibliografia

- AQUINO, S. Tomás de. *A luz da fé*. Lisboa: Editorial Verbo, 2002
- BAUMAN, Zgmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- CASTILHO, José M. *A ética de Cristo*. São Paulo: Loyola, 2010.
- CONPAGNONI, F. Verbete: Ética. In. *Lexikon. Dicionário Teológico Enciclopédico*. São Paulo: Loyola, 2003.
- LACOSTE, J.-Y.; LOSSKY, N. Verbete: Fé. In: Lacoste, J.-Y. (Org.). *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2004.
- LEXIKON. Dicionário Teológico Enciclopédico. São Paulo: Loyola, 2003.
- PAPA FRANCISCO. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. A alegria do Evangelho. Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Brasília: Edições CNBB, 2013.

---

<sup>31</sup> PAPA FRANCISCO. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. A alegria do Evangelho. Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Brasília: Edições CNBB, 2013, 52.